

# UM OLHAR SEMIÓTICO SOBRE O PROCESSO DE INDEXAÇÃO: a questão da representação e do referente

artigo de revisão

Brisa Pozzi de Sousa\*  
Carlos Cândido de Almeida\*\*

## RESUMO

O processo de indexação é determinado pelo assunto do documento e sua relação com a representação da informação. Cultivar as contribuições interdisciplinares é fundamental, principalmente quando a relação permite acréscimos substanciais à área de pesquisa. Ensaia-se neste artigo algumas contribuições da Semiótica de Charles Sanders Peirce no campo de estudo do processo de indexação, em especial, as noções de representação e referente. Conclui-se que a divisão tripartida do signo fornece base para entender o processo de representação temática, discutindo a relação do signo com o objeto e o fenômeno apresentado, em que o indexador concebe a linguagem documentária como referente.

**Palavras-chave:** Processo de Indexação. Representação da Informação. Referente. Semiótica. Charles Peirce (1839-1914).

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/UNESP campus de Marília, SP. Bibliotecária do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES.  
E-mail: brisapozzi@gmail.com

\*\* Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Brasil. Professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil.  
E-mail: carlosalmeida@marilia.unesp.br

## I INTRODUÇÃO

O campo da Ciência da Informação tem por base a produção e o uso de informação, o que nos remete a um nível de aprofundamento científico, à reflexão teórica e à prática das questões definidas como organização, representação e uso dessa informação. O fato é corroborado por Le Coadic (2004, p. 25), que descreve o objetivo da Ciência da Informação como “[...] o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso.”

No entanto, várias áreas do conhecimento cobrem o espectro de investigação que abrange a natureza, propriedade, produção, circulação e consumo da informação, transformando-a em objeto de estudo, contudo, ao lado da importância de suas pesquisas, também é reconhecida a complexidade de sua abordagem (KOBASHI; TÁLAMO, 2003). Nesse sentido, “[...] a informação documentada é objeto material da Ciência da Informação, enquanto os processos

de sua estruturação para o fluxo e a recepção são seu objeto formal.” (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 10).

As pesquisas no âmbito da Biblioteconomia estão intimamente ligadas às investigações da Ciência da Informação, entre as quais concebem o desenvolvimento de práticas aplicáveis às questões de organização e acesso às informações documentadas. Assim, a área de Organização da Informação está correlacionada à informação contida em registros bibliográficos, que serão representados em um sistema documentário com a finalidade de dispô-los para acesso. Baseando-nos em Brascher e Café, entendemos que “o objetivo do processo de organização da informação é possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação” (2008, p. 5), já que “[...] para ser organizada, a informação precisa ser descrita [...].” (SVENONIUS apud BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 5).

Por isso é possível considerar que a Organização da Informação está intimamente ligada aos registros bibliográficos de documentos

que compõem os respectivos acervos das bibliotecas. Conseqüentemente, para que os objetivos da Organização venham a ser atingidos, tem-se o desenvolvimento do tratamento da informação, configurando-se em dois processos: descrição física e temática do documento (BRASCHER; CAFÉ, 2008).

Em consonância, para Dias e Naves (2007) o tratamento da informação abrange as técnicas, métodos e processos destinados às descrições da forma física e do conteúdo dos documentos em bibliotecas. Guimarães (2003, p. 100) explana que existe um mesmo sentido na abordagem da Organização e no Tratamento da Informação, sendo esta uma etapa intermediária que se volta ao diálogo entre quem produz e quem faz uso da informação, exercendo assim a função de “ponte informacional.” Nessa mesma perspectiva, Fujita (2003) compreende a similaridade dos propósitos entre as abordagens da Organização e do Tratamento da Informação, e tanto Fujita (2003) quanto Guimarães (2003) sustentam que as atividades e operações do tratamento da informação envolvem o conhecimento teórico e metodológico disponível, para o tratamento físico e temático do documento.

Verifica-se na literatura que o tratamento da informação consiste em dois processos dicotômicos, distintos entre si, porém dependentes um do outro. Um é o tratamento de forma que abrange à descrição física do documento (suporte informacional), como o número de paginação, casa publicadora, autor, título, data, entre outros, sendo também denominado de tratamento descritivo. O outro é o tratamento temático, que perfaz a descrição do conteúdo documentário, pois de acordo com Fujita; Rubi e Boccato (2009, p. 22), esse processo

[...] diz respeito ao assunto tratado no documento, ou seja, compreende a análise documentária como área teórica e metodológica que abrange as atividades de classificação, elaboração de resumos, indexação e catalogação de assunto, considerando as diferentes finalidades de recuperação da informação.

A privação do tratamento de forma e/ou conteúdo em um sistema documentário concorre para o conglomerado de documentos, abnegados ao acaso, formando uma massa

documental com informações dispersas. Desse modo, entende-se que é preciso considerar o tratamento temático da informação como anterior ao processo de recuperação, uma vez que decorre da necessidade de representar o conteúdo dos documentos, para disponibilizá-los de maneira consistente e tratada, para posterior recuperação pela comunidade usuária.

Nesse sentido, procura-se destacar a relação do processo de indexação – intimamente ligado ao processo de representação temática do documento – pautando-se em conceitos da Semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914). A investigação Semiótica, ou Teoria dos Signos, vinculada à Ciência da Informação, de acordo com Moura (2006), necessita de uma “virada semiótica”. A autora explica que tentativas de estabelecer ligações entre as áreas é um desafio inelutável, mas que pelo motivo de a Ciência da Informação ser voltada para a compreensão dos fenômenos informacionais, a aproximação entre distintos campos de conhecimento torna-se fundamental.

No estreitamento das relações entre as áreas e com olhar para as pesquisas brasileiras, destaca-se o periódico *Encontros Bibli*, que publicou uma edição especial, no ano de 2006, trazendo como pauta a relação “Semiótica e Informação.” (ENCONTROS BIBLI, 2006). Na apresentação dessa edição, Barbalho (2006, p. 1) explica que a “[...] aproximação da Semiótica com a Ciência da Informação ocorreu através das duas abordagens mais conhecidas da primeira: a corrente fenomenológica do americano Charles Sanders Peirce e a lingüística do lituano-francês Algirdas Julien Greimas [...]”. A iniciativa do periódico é construtiva, pelo fato de prevalecerem tímidas as publicações de estudos sobre o assunto. Barbalho (2006, p. 2) destaca ainda que a intencionalidade da referida edição concorre para a consolidação das pesquisas brasileiras que buscam tal elo, almejando, assim,

[...] uma ampla discussão que permita disseminar os fundamentos de uma área de árdua compreensão, como é a semiótica, de modo a consentir que a tênue relação existente entre as áreas, possa contribuir para uma percepção ampla do modo de entender os artefatos de cultura postos para serem visíveis ao olhar de um outro, ator do contexto onde a informação busca sua transformação em conhecimento.

Engendrando mais uma contribuição neste panorama, pretende-se discutir o processo de indexação, ressaltando pontos importantes da operação em relação à questão da representação (ato ou processo de representar) e do referente (fenômeno ou realidade a ser representada), galgando interação com a Semiótica de Peirce. Procura-se apontar a necessidade de um olhar semiótico sobre o processo de indexação.

## 2 O PROCESSO DE INDEXAÇÃO

O processo de indexação é uma das atividades decorrentes do tratamento temático, sendo reconhecidamente antiga como prática de construção de índices para ordenação de documentos. Contudo, a partir do momento que o processo demandou uma organização por assunto, “[...] foram estabelecidas profundas mudanças na abordagem do ato mecânico de construir índices, ou seja, introduziu-se um processo de análise do conteúdo dos documentos.” (FUJITA, 2003, p. 61).

A origem do referido processo remonta a tempos passados, na extinta Mesopotâmia, com as tábuas de argila datadas por volta do século II a.C. (SILVA; FUJITA, 2004). Esses materiais eram envolvidos por uma espécie de envelope ou etiqueta, onde grafavam o teor do documento, fornecendo assim a descrição do conteúdo abordado no material<sup>1</sup> (GIL LEIVA, 2008). Essa é considerada uma forma rudimentar de realizar a condensação do conteúdo dos documentos, visto a fragilidade do suporte, feito de argila, porém a alternativa encontrada para facilitar a consulta.

Segundo Kobashi (1994), na Idade Média, os monges copistas introduziam anotações de condensação do conteúdo na lateral das páginas dos manuscritos e foi o modo que eles encontraram para indicar os pontos abordados no documento. Contudo, o grande desenvolvimento da indexação ocorreu no final do século XIX, com o crescimento das publicações periódicas e da literatura técnico-científica de modo geral (SILVA; FUJITA, 2004; FUJITA; RUBI; BOCCATO, 2009). Kobashi (1994) descreve que a publicação do *Le Journal des Scaavansn* no ano de 1665, em Paris,

contribuiu para o avanço da Documentação como a conhecemos hoje. O periódico publicado semanalmente era constituído de resumos de trabalhos científicos, filosóficos e artísticos, sendo o primeiro de natureza referencial na Europa. Durante os séculos XVIII e XIX, essas publicações oportunizaram o crescimento e a abrangência dos demais periódicos, até atingirem o patamar das versões atuais das bases de dados.

Sem a pretensão de aprofundar historicamente o processo de indexação, mas observando outros pontos importantes que abarcam a corrente, em 1981, tem-se a criação, pela IFLA (*International Federation of Librarian Associations and Institutions*), da Seção de Classificação e Indexação (*Classification and Indexing Section*). Essa seção apresenta métodos de divulgação ao acesso de assuntos em catálogos, bibliografias e índices de documentos, inclusive os eletrônicos.

No mesmo ano, o *World Scientific Information Programme*, nomeado com a sigla Unisist<sup>2</sup>, estabeleceu os Princípios da Indexação. O programa internacional culminou em 1985, com a criação da primeira norma ISO (*International Standardization for Organization*), responsável por conceder os direcionamentos ao processo de indexação, quer seja, a implantação da ISO 5963, denominada *Documentation – methods for examining documents, determining their subjects, and selecting indexing terms*. No Brasil, em 1992, a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) publicou a tradução dessa ISO, intitulada *Métodos para análise de documentos – determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação* - NBR 12676/1992 (FUJITA, 2003).

O processo de indexação é uma operação mental, consiste fundamentalmente na representação do conteúdo temático, ou seja, do assunto do documento. Cintra (1983, p. 5) nos fornece subsídios para a explicação do processo: “a operação denominada indexação é definida como a tradução de um documento em termos documentários, isto é, em descritores, cabeçalhos de assunto, termos-chave, que têm por função expressar o conteúdo do documento”.

Em seu clássico artigo, Chaumier (1988, p. 63) define a indexação como “[...] a parte mais importante da análise documentária”,

<sup>1</sup> “Para saber qué contenían los recipientes, se les adosaba una pequeña etiqueta de arcilla a un lateral en donde escribían el contenido de los documentos depositados.” (GIL LEIVA, 2008, p. 56)

<sup>2</sup> Sistema internacional vinculado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), conhecida pela sigla Unisist (*World Information System for Science and Technology*).

descrevendo-a como condicionante de valia para um sistema documentário. Sendo um processo regulador de valor e de eficiência num sistema que tem como base fornecer informação, qualquer objeto é passível de indexação, visto que seu conteúdo pode ser reduzido a representações que facilitem seu armazenamento e recuperação nas bases de dados (GIL LEIVA, 2008).

Um número variado de etapas constitui o processo de indexação. Lancaster (2004) compreende duas: análise conceitual e tradução. Chaumier (1988, p. 64), baseando-se em Van Slype, aponta que “[...] comporta quatro operações distintas, a saber: conhecimento do conteúdo do documento, escolha dos conceitos a serem representados, tradução dos conceitos e incorporação dos elementos sintáticos.”

Três são os estágios de indexação descritos pela NBR 12676 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA..., 1992): exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo; identificação dos conceitos presentes no assunto e tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação. A Norma brasileira diz que ambos os estágios se sobrepõem, mas Lancaster (2004) assinala que as etapas do processo são realizadas pelo indexador concomitantemente, levando em consideração que esse profissional já se encontra familiarizado com o processo. Independente do número de etapas, ao processo de indexação cabe a importante tarefa de identificar o assunto de um documento e representá-lo através de conceitos. Esses conceitos serão transcritos com aporte de termos advindos de uma linguagem documentária (LD), com intuito de intermediação entre o documento e o usuário, no ato da recuperação da informação. A recuperação, por sua vez, pode ser em índices nos catálogos *on-line* de bibliotecas ou em base de dados (RUBI, 2008).

Segundo Lara (1993, p. 5), a linguagem documentária é um código comutador “[...] que tem como função a normalização das unidades significantes ou conceituais presentes no texto original, a partir de elementos que constituem, de alguma forma, uma condensação de áreas de assunto.” Tomando por base Gardin (1968, p. 26) a autora ainda enfoca que a LD constitui “[...] um conjunto de termos, providos ou não de regras sintáticas, utilizada para representar conteúdos de documentos científicos, com fins de classificação ou busca retrospectiva de informações.” (LARA, 1993, p. 5). Para Kobashi

(2007, p. 2), “as linguagens não são, pois, meras nomenclaturas ou listas de palavras e expressões utilizadas para etiquetar documentos para armazenamento. Ao contrário, são instrumentos essenciais para haver interação e diálogo entre sistemas de informação e usuários.”

O indexador realiza a análise de assunto do documento, seleciona os conceitos e apoiado na LD os transforma em uma representação estruturada e condensada. Essa representação servirá para efetivar a comunicação entre usuário e sistema de informação, por meio de termos de indexação ou descritores. Assim, o indivíduo que executar uma busca no sistema onde o documento está inserido, fará uso da representação condensada da informação, identificada no documento, e tomará a decisão de consultar ou não o documento original. Lara (1993, p. 5) expõe que a representação obtida pela condensação com uso da LD não apresenta necessariamente uma relação de “[...] contigüidade e semelhança com o texto original e envolve, pelo menos, dois sistemas semióticos distintos: aquele presente no texto original e aquele estabelecido pelo instrumento comutador ou LD.” Nesse sentido é possível estabelecer um olhar semiótico sobre o processo de indexação, pois prevalece o ato de representar algo (por exemplo, o assunto do documento), em um sistema de informação.

Todavia, o ato da representação é imbuído de algumas considerações, as quais se observam nas palavras de Kobashi e Fernandes (2009, p. 3, grifo nosso):

Representar é um termo ambíguo. Pode ser entendido como processo ou como produto. Para evitar usos polissêmicos do termo, define-se representação como processo e *Informação documentária* como o produto das operações de representação. A *Informação documentária* é, assim, expressão material das operações de representação. Em outras palavras, a *Informação documentária* é documento elaborado a partir do documento.

Na concepção de criação da informação documentária, o indexador constrói um novo documento a partir da condensação do documento original. Em analogia a essa criação, relacionaremos a representação da informação documentária à abordagem Semiótica, em alusão

ao filme *O enigma de Kaspar Hauser*, no sentido direcionado por Blikstein (1995), da discussão da significação e da abordagem da representação a partir da construção do referente.

O filme será utilizado para ilustrar a abordagem Semiótica, principalmente por revelar a importância do referente, que nesse caso será empregado para o entendimento do uso da linguagem documentária no processo de indexação.

Nessa conexão entre o filme e a realidade do profissional, busca-se explicar que a LD assume a posição de referente para o indexador, que possui como responsabilidade representar o conteúdo temático de um dado documento, sem ser necessariamente um especialista na área de conhecimento coberta pelo acervo.

Lara (2006) esclarece que a linguagem documentária é o modo de organização de um conjunto de signos, sustentada pelo sistema semiótico, porém diferente da linguagem natural, com características e funcionamento particulares. Desse modo, não se pode descartar uma leitura propriamente Semiótica da LD e seu uso no processo de indexação, pois a teorização e a discussão do tema, expresso materialmente por operações de representação do conteúdo temático de um documento, não pode se eximir de diálogos com outras áreas. É necessária a observação das pesquisas, inclusive no que tange aos discursos que:

[...] ancoram-se em teorias, as quais devem ser objeto de análise constante, sem a qual não se poderá compreender a estrutura de seus objetos de trabalhos, isto é, um conhecimento construído socialmente e coletivamente compartilhado via instituições e agências de guarda e disseminação da informação. (ALMEIDA, 2010, p. 2).

Na questão da representação do conteúdo temático de um documento, pelo processo de indexação, é possível considerar a existência de uma informação que será substituída por outra informação. Para representar o conteúdo temático de um documento o indexador toma como auxílio o vocabulário controlado, ou seja, a LD. Seu uso tem a função primordial de filtrar os descritores que serão utilizados para representar o documento no sistema documentário e na condição de substituto, os descritores ou termos são equivalentes ao documento analisado,

caracterizando-se, pois, como informação segunda, de natureza referencial.

Assim, o processo de indexação encerra sua ação no reconhecimento do referente. Os produtos resultantes do processo de indexação, seja um índice ou um resumo, são novas informações elaboradas a partir da informação de um determinado documento, o qual faz referência a fenômenos reais. Nessa esfera, os instrumentos de tratamento da informação, como uma LD, se caracterizam pelo processo de substituição da informação, para uma informação de natureza referencial.

Na perspectiva evolutiva da indexação, como operação do tratamento temático, o processo conduz à análise, síntese e representação do documento (SILVA; FUJITA, 2004). Alguns autores divergem em relação ao número dessas etapas, utilizando diversas nomenclaturas e verbos para se referir a elas, no entanto, Rubi (2009, p. 82) explica que em sua maioria, predomina o entendimento na efetivação das referidas operações, sendo:

- análise: leitura e segmentação do texto para identificação e seleção de conceitos;
- síntese: construção do texto documentário com os conceitos selecionados. Está relacionada especificamente à elaboração de resumos;
- representação: por meio de linguagens documentárias.

A análise identifica o conteúdo informacional, a síntese agrega o conteúdo analisado, a representação, em contrapartida, transforma os termos selecionados, advindos da linguagem natural para forma padronizada, contando com ajuda da LD, que efetuará a organização dos termos empregados no processo. Perpassando essas operações, o indexador constrói a representação temática do documento e trabalha para que o conteúdo seja representado de forma a atender a comunidade usuária. Atualmente, a indexação está vinculada à análise de assuntos e não mais ao ato mecânico de construir índices, pois as entidades institucionais decorrem de uma “[...] necessidade de recuperação cada vez mais rápida, precisa e especializada [...]” (SILVA; FUJITA, 2004, p. 136).

Em busca de representar o documento da melhor forma, a fim de atender a comunidade usuária e também na busca de fazer a ligação do documento representado ao contexto da área de conhecimento no qual está inserido, tem-se uma manipulação de signos, pois o indexador busca estabelecer a ligação entre o documento e a realidade por meio de referentes. Porém, não é sempre que o indexador tem a sua disposição uma representação do referente no mesmo nível de complexidade que o usuário especializado de uma área do conhecimento.

Para ilustrar a inesgotável questão do referente, recorre-se ao filme *O Enigma de Kaspar Hauser*, com título original *Jeder für sich und Gott gegen alle* (1974), dirigido pelo cineasta alemão Werner Herzog, que incita a curiosidade de quem o assiste. Blikstein (1995) discorre em seu livro *Kaspar Hauser e a fabricação da realidade*, as questões enigmáticas que envolvem o personagem principal do filme, chamado Kaspar Hauser. Até os 18 anos, Kaspar foi criado em um sótão e o único contato humano que norteava sua simplória trajetória de vida era um senhor, basicamente um tratador, se assim o podemos nomear, que lhe levava água e pão. Após completar 18 anos, foi posto em sociedade pelo tratador e sua origem é considerada um mistério. Foi deixado em uma cidade chamada Nurembergue, sendo para ele um ambiente indecifrável. Conheceu “[...] o mundo pela linguagem, por signos lingüísticos.” (BLIKSTEIN, 1995, p. 17) e seguidamente o autor problematiza:

Kaspar Hauser: linguagem, mundo, realidade, percepção, significação, cognição... assim é que, procurando desvendar os enigmas do filme de Herzog, fui sendo levado, pouco a pouco, a revisitar um antigo e problemático tema, situado num entroncamento por onde passam a lingüística, a semiologia, a antropologia, a teoria do conhecimento etc: trata-se da relação entre língua, pensamento, conhecimento e realidade. Até que ponto o universo dos signos lingüísticos coincide com a realidade 'extralingüística'? Como é possível conhecer tal realidade por meio de signos lingüísticos? Qual o alcance da língua sobre o pensamento e a cognição?

No contexto do livro de Blikstein e do filme de Herzog, é possível ressaltar a questão

do signo, do significado e da realidade, pois as palavras que de modo geral retratam o cotidiano da vida humana apresentam o processo de socialização e perpassam pela representatividade do signo, tanto para nós quanto para Kaspar Hauser. “O signo representaria a realidade extralingüística e, em princípio, é por meio dele que podemos conhecê-la.” (BLIKSTEIN, 1995, p. 21).

O referente é uma entidade que supõe a práxis social, como discutida por Blikstein (1995), à luz da análise do caso de Kaspar Hauser, e essa práxis é formada na relação que o sujeito estabelece com o mundo e com os outros, na realidade. Desse modo, o significado de algo não está relacionado apenas com o sistema de signos lingüísticos comunitariamente ligados, mas depende também das relações que os homens estabelecem com as coisas significadas. Não conhecemos as coisas na realidade efetivamente sem um contato com o referente, a realidade fenomênica, assim, os significados produzidos pelo processo de indexação e uso da LD, dependem de uma aproximação colateral com o referente.

### 3 REFERENTE E REPRESENTAÇÃO

Em relação às diferentes abordagens sobre o signo, é possível aprofundá-las, destacando dois importantes ícones da teoria da significação: Charles Sanders Peirce (1839-1914) e Ferdinand de Saussure (1857-1913). O primeiro, filósofo e cientista norte-americano, é considerado um dos fundadores da Semiótica e se destacou por exímias pesquisas em diversas áreas do conhecimento. O segundo, europeu e fundador da Linguística moderna, é tido como o desbravador da Semiologia, sendo seus estudos de grande contribuição para a Semiótica, pelo fato de ter criado a Teoria Geral de Sistemas dos Signos.

Conforme contexto e condição para o estudo, a palavra signo tem a função de “[...] denotar um objeto perceptível, ou apenas imaginável, ou mesmo inimaginável num certo sentido.” (PEIRCE, 2000, p. 46). Blikstein (1995, p. 20) nos explica que “[...] signo seria, afinal, algo que substitui ou representa as coisas, isto é, a realidade.” Segundo esse autor, na concepção de Peirce, “[...] a característica básica do signo é a de poder representar as coisas ou objetos: mas

para que algo possa ser um signo, esse algo deve 'representar', como costumamos dizer, alguma outra coisa." (BLIKSTEIN, 1995, p. 20).

As pesquisas de Saussure, em contrapartida, centram-se na língua enquanto sistema, a língua, parte da linguagem, é produto social da faculdade de linguagem. Mostra que o ponto inicial é o fato social que envolve o ato da fala, quer seja, a língua. Nöth (2005, p. 15), neste cenário, explica:

A essência da contribuição de Saussure para a semiótica é o seu projeto de uma teoria geral de sistemas de signos, que ele denominou semiologia. Um elemento básico dessa teoria é o modelo signico de Saussure. Outros princípios importantes da tradição semiótica saussureana são o seu dogma da arbitrariedade do signo lingüístico e os seus conceitos de estrutura e sistema de linguagem.

Em relação à Semiótica de Peirce, Silveira (2007, p. 22) afirma que "[...] preocupam os caracteres comuns de todos os signos, determinando os traços gerais da conduta dos seres inteligentes que são capazes de aprender pela experiência." Peirce propõe o diagrama básico de representação dos signos: signo ou *representamen*, objeto e interpretante, sendo esses responsáveis pelo processo de semiose, isto é, processo da ação de significação, de produção de significados dos signos, que possui caráter ilimitado em seus respectivos processos de interpretação. Esse diagrama deve ser entendido em sua integridade, evitando confusões comuns, pois:

Um equívoco constante é compreender que signo é o elemento que representa o objeto do signo. Na realidade, o signo é a união inseparável das três entidades: objeto, signo e interpretante. A relação triádica é que constitui o signo perfeito, coexistindo com as três entidades. (ALMEIDA; GUIMARÃES, 2007, p. 7).

Destarte, além das teses saussureanas da natureza arbitrária, da convencionalidade e da imutabilidade do signo, também é possível salientar a questão do modelo signo bilateral de Saussure, o qual possui a "[...] finalidade de analisar a 'natureza do signo lingüístico'[...]. Aspectos fundamentais da teoria saussureana do

signo são sua estrutura bilateral, sua concepção mentalista, a exclusão da referência e a concepção estrutural da significação." (NÖTH, 2005, p. 28).

Na perspectiva de Saussure, tem-se a centralidade na língua, enquanto sistema, o signo lingüístico como bilateral ou diádico, pois seu modelo exclui o objeto de referência por considerar o signo a associação de um conceito a uma imagem acústica. Na corrente estruturalista da teoria da linguagem inspirada em Saussure, também denominada Linguística Estrutural, o ponto de partida é o fato social subjacente a todo ato da fala, ou seja, a língua.

Se pensarmos a representação temática pela indexação na direção do estruturalismo, compreendemos o processo como incompleto. Se o profissional indexador, ao elaborar a representação temática de documentos se vale de linguagens documentárias para criar sistemas de significações, o nível estruturalista de representação acaba não se inserindo na perspectiva, pois centra na esfera da fala e da língua. Nesse caminhar, acredita-se que o indexador tem a LD como referente e a interpretação Semiótica oferece condições para compreender a relação representacional entre sujeito e objeto, indexador e documento.

A perspectiva Semiótica mostra-nos que o signo é uma relação triádica, constituindo perfeitamente três entidades: signo, objeto e interpretante. Nessa abordagem, o foco está relacionado ao signo e aos seus aspectos nas diversas circunstâncias e não apenas no estudo da língua enquanto sistema estrutural.

A preocupação consiste em relacionar a representação temática presente no processo de indexação ao exercício da práxis social. Porém, a indexação está vinculada à institucionalização da informação em contextos socialmente determinados e assim levaremos em conta a questão do referente, que é tratado plenamente na teoria peirceana.

Sabe-se que examinar integralmente a Semiótica torna-se um desafio, pela dificuldade de entendimento da filosofia de Peirce e pelo volume de sua obra, pois:

[...] seus manuscritos cobrem cerca de 70.000 páginas - além dos que se perderam - e destas pelo menos umas 10.000 páginas são consideradas de relevante importância filosófica e fundamentais na obra do autor.

Pretender resumir tudo isso a duas ou três dezenas de páginas poderia ser tomado como índice de insanidade do pretendente a tão estranha tarefa, além de ser causa de justificável riso irônico - não fosse o fato de que os estudos de Peirce, para os não iniciados, exigem um fio de linha mínimo permitindo a entrada num labirinto de textos que continuamente se reproduzem e se sobrepõem a fim de aperfeiçoar-se. (COELHO NETO, 1990, p. 52).

Vinculada às relações fenomenológicas, a Semiótica é considerada um campo vasto, uma “[...] ciência rigorosa, construtora de formas ideais, pelas quais pela via dedutiva, e, portanto, a modo de necessidade, demonstrará suas conclusões.” (SILVEIRA, 2007, p. 21). Todavia, as questões aqui apresentadas encontram-se em uma ínfima parte da Teoria dos Signos, a qual, na lógica peirceana, é chamada de Gramática Especulativa. Esse eixo consiste em um dos ramos da Lógica ou Semiótica, juntamente com a Lógica Crítica e a Metodêutica, e se propõe a classificar os signos a partir de suas mínimas manifestações.

A Semiótica “para tanto, analisa os fatos de uma perspectiva simultaneamente fenomenológica e ontológica.” (MOURA, 2006, p. 3). Na percepção peirceana, representar equivale a uma substituição, assim “[...] estar em lugar de, isto é, estar numa tal relação com um outro que, para certos propósitos, é compreendido por alguma mente como se fosse a outra coisa.” (PEIRCE, 2000, p. 61).

Na indexação, para representar é necessário delimitar o contexto de termos ou descritores, pois serão substitutos do conteúdo de um documento que se insere em uma área do conhecimento. Mas surge uma dúvida, do ponto de vista da Semiótica, seria possível delimitar o significado da representação no contexto que a informação encontra-se disponível?

Entendemos que a operação de indexação, com uso da linguagem documentária, delimitará o contexto no qual determinado sistema de informação está inserido. O foco são os usuários que utilizam o serviço, que por sua vez possuem uma determinada realidade e estão num contexto que o indexador tem como objetivo representar. Assim, o indexador não tem a experiência colateral do usuário e deverá representar o assunto do documento, sem ter a experiência direta com os objetos da área. Com o

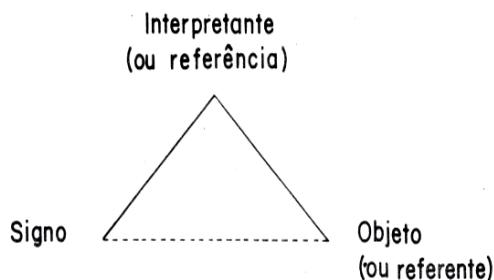
tempo, a experiência colateral do indexador será reconstruída, por exemplo, com a experiência adquirida como profissional. Por isso entendemos que o desenvolvimento profissional do indexador se compara à trajetória de vida de Kaspar Hauser, quando posto a viver em sociedade e com as coisas, pessoas, palavras e atitudes que desconhecia. O personagem do filme não possuía a experiência social, pois passou parte de sua vida trancado em um porão, em contrapartida, o indexador só tem a experiência sociocognitiva gerada a partir do contato com as obras, mas não possui a experiência de um especialista da área dos documentos que tem de indexar.

O indexador, inserido na relação triádica tem o documento que é o signo e pelo uso da LD, que é seu referente, irá realizar a interpretação do documento pela capacidade de fazer referência, ou seja, uma referência construída pelo indexador para representar tematicamente o documento. A representação do assunto de um documento nos remete ao signo, bem como seus elementos, objeto e interpretante. De acordo com Coelho Neto (1990, p. 56):

Um signo (ou *representamen*), para Peirce, é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa, esse primeiro signo criará na mente (ou *semiose*) dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de *interpretante* (que não é o intérprete), e a coisa representada é conhecida pela designação de *objeto*.

Esquemáticamente, pode-se compreender a proposta triádica:

Figura 1 - Relação triádica do signo



Fonte: Coelho Neto (1990, p. 56)

É possível entender que a indexação está condicionada ao contexto do documento, por sua vez, inserido em determinada área do conhecimento, pois os processos informacionais se envolvem no ponto de vista de diversas contextualizações. Um documento indexado em uma biblioteca de química, vinculada a uma instituição voltada à pesquisa nuclear, certamente terá outro foco, se indexado em uma biblioteca de medicina vinculada a um hospital de câncer. Os inúmeros documentos de um acervo podem ser tratados sob diferentes prismas, de acordo com as necessidades da comunidade usuária que atende. Contudo, essa relação de dependência não garante a precisão da representação do referente, pois o nível de precisão variará conforme as experiências com os referentes associados.

Na verdade, para realizar o elo entre o sistema e o usuário da informação, entre uma biblioteca e a sua comunidade usuária, o indexador contextualiza o documento, apoiando-se no uso da linguagem documentária. O indexador não tem a prática social do usuário e por isso constrói uma sugestão de referente para si e, conseqüentemente, disponibiliza a representação da informação.

Na perspectiva peirceana, a ação de representar signos também pode ser concebida por “[...] semiose, enquanto processo onde alguma coisa funciona como signo para alguém sob algum aspecto, e que compreende o signo, ou *representamen*, o interpretante e o objeto, ao qual se acrescentou depois o intérprete e o contexto [...]” (TÁLAMO; LARA, 2006, p. 209). A semiose no ambiente da informação é considerada por alguns teóricos como limitada, mesmo observando que o processo de significação com objetivo na produção de significados é infinito. Lara (2006) nos faz pensar na questão, em artigo intitulado *É possível falar em signo e semiose documentária?*

Os mecanismos de interação entre o documento e o receptor da informação, ou seja, o usuário da informação, a ponte ou elo que deverá ser construído possui ausência de delimitadores de significados. O indexador tentará construir uma sugestão de referente. Com isso,

Resumos e índices, típicos produtos referenciais de informação, definem-se como informações de natureza pragmática, produzidos para fins

específicos. Elas significam plenamente em contextos de organização e recuperação de informação. Não se atribui a elas outros valores que não os de evocação; resumos e índices, como já afirmado, têm função signica: estão no lugar do documento original e o substituí por manterem com ele relações de semelhança.

A legitimidade e eficácia das informações documentárias e os valores que assumem em cada contexto, são, pois, limitadas; elas se propõem a significar em contextos de comunicação documentária. (KOBASHI; FERNANDES, 2009, p. 7).

Pelas ponderações que envolvem a questão da representação, também é salutar observar a interpretação durante a indexação de documentos. Mai (2001) aponta que o processo é puramente interpretativo. O referido autor utiliza-se do conceito fundamental da teoria peirceana, “semiose ilimitada”, que se vale da natureza própria do processo de produção de significados. Mai (2001) trata o processo de indexação como uma atividade em evolução, com sucessivas interpretações. Almeida e Guimarães (2008) também discutem tais questões, relacionando interpretação e representação, fundamentando-se na Semiótica de Peirce e nos trabalhos de Mai.

Presume-se que o indexador, assim como o protagonista do filme, busca a construção de representações dos referentes à medida que estabelece contato com esses referentes. Kaspar Hauser teve que construir sua prática social, pois pelo motivo de ter vivido isolado de qualquer contexto, não conseguia captar o mundo, como fazem as demais pessoas que vivem em sociedade. Hauser absorveu a experiência verbal, porém lhe faltava “[...] a necessidade do recurso a uma dimensão anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado.” (BLIKSTEIN, 1995, p. 39).

O protagonista do filme não era dotado da aptidão de captar, de granjear o mundo circundante, como o faz os homens em sociedade. A percepção de Hauser “[...] está desaparelhada de uma *prática social*. E é nessa *prática social* ou *práxis* que residiria o mecanismo gerador do sistema perceptual que, a seu turno, vai ‘fabricar’ o referente.”

(BLIKSTEIN, 1995, p. 53). Com isso, é possível observar que os elementos que envolvem a percepção do mundo podem ser assimilados pela linguagem, todavia é na dimensão da prática social que haverá a indissolúvel relação percepção e realidade. Esta alusão do filme remetendo ao processo de indexação, busca a compreensão do referente para os sistemas de informação que estejam mais próximos da realidade.

Mesmo considerando o indexador em busca da práxis social, criando um elo entre representação da informação, acervo e contexto, deve-se ressaltar que o profissional não é necessariamente um especialista da área. O profissional indexador é apto a realizar a atividade, pois passou por uma formação na graduação em Biblioteconomia e em alguns casos, por cursos de capacitação.

Contudo, o uso das linguagens documentárias no processo de indexação busca levar a mente do indexador ao campo das ocorrências reais dos referentes e sustenta-se que, com o tempo, a experiência do entorno certamente será assimilada pelo profissional, mas até chegar a esse ponto, a indexação sempre será uma fonte de criação e busca de referentes.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que algo possa ser um signo deve representar alguma outra coisa chamada seu objeto, sem olvidar a relação triádica. A divisão tripartida do signo nos fornece base para entender o processo de representação em geral, e da representação temática, em especial, concebendo a relação com o objeto e o fenômeno apresentado, em que o indexador concebe a linguagem documentária como referente.

Temos a representação como produto das práticas sociais e, no caso da indexação, a representação do objeto e do contexto. O discurso sobre a representação na Organização da Informação leva em conta o contexto e as relações sógnicas, porém devemos reconhecer a existência do referente. É pelo referente que ajustamos a representação, e não o contrário. Em tese, o trabalho do indexador não está apenas em fabricar representações a partir do referente, mas por meio do seu trabalho ajustá-las para que outras pessoas recuperem a informação documentária.

Sendo assim, a relação da Semiótica com a indexação pode e deve envolver novas abordagens e investigações, pois sugere muitas questões epistemológicas que futuramente deverão fazer parte da agenda de pesquisas da área.

### **A SEMIOTIC LOOK ON THE INDEXING PROCESS: the question of representation and referent**

#### **Abstract**

*The indexing process is determined the subject of the document and its relation with the representation information. To cultivate the interdisciplinary contributions is essential, especially when the relationship allows substantial additions to the area of research. Rehearse some contributions in this article of Semiotics of Charles Sanders Peirce in the field of study of the indexing process, in particular, the notions of representation and referent. It is concluded that the tripartite division of the sign provides basis for to understanding the process of thematic representation, discussing the relationship of the sign with the object and the phenomenon presented, in the indexer sees the documentary language as referent.*

#### **Keywords:**

*Indexing Process. Information Representation. Referent. Semiotics. Charles Peirce (1939-1914).*

---

Artigo recebido em 17/02/2012 e aceito para publicação em 20/07/2012

---

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Peirce e a ciência da informação: considerações preliminares sobre as relações entre a obra peirceana e a organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: PPGCI/UFBA, 2007.
- ALMEIDA, C. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Análise peirceana do processo de indexação: em busca de fundamentos para a organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PPGCI/USP, 2008.
- ALMEIDA, C. C. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PPGCI/UNIRIO, 2010.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676: Métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação.** Rio de Janeiro, 1992. 4 p.
- BARBALHO, C. R. S. Apresentação da editora deste número. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, 2º n. especial, p. 1-2, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/468/475>>. Acesso em: 14 nov. 2010.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade.** São Paulo: Cultrix, 1995.
- BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <<http://www.enancib2008.com.br>>. Acesso em: 9 ago. 2011.
- CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n.1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988.
- CINTRA, A. M. M. Elementos de linguística para estudos de indexação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 5-22. 1983.
- COELHO NETO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação.** São Paulo: Perspectiva, 1990.
- DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto: teoria e prática.** Brasília: Thesaurus, 2007.
- FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://bibli.fae.unicamp.br/revbib/index.html>>. Acesso em: 05 out. 2010.
- FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P.; BOCCATO, V. R. C. As diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre indexação e catalogação de assuntos. In: FUJITA, M. S. L. (Org.). **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- GIL LEIVA, I. **Manual de indización: teoría y práctica.** Gijón: Trea, 2008.
- GUIMARÃES, J. A. C. A Análise documentária no âmbito do tratamento da informação: elementos históricos e conceituais. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (Org.). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação.** Brasília: Thesaurus, 2003. (Série Estudos Avançados em Ciência da Informação).
- KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia.** 1994. 267 f. Tese (Doutorado em Comunicações e Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- KOBASHI, N. Y. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **Datagramazero**,

- Rio de Janeiro, v. 8, n. 6, p. 1-10, dez. 2007. Disponível em: <[http://dgz.org.br/dez07/F\\_I\\_art.htm](http://dgz.org.br/dez07/F_I_art.htm)>. Acesso em: 12 nov. 2010.
- KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. de F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 7-21, set./dez. 2003.
- KOBASHI, N. Y.; FERNANDES, J. C. Pragmática lingüística e organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: PPGCI/UEPB, 2009.
- LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LARA, M. L. G. de. **A representação documentária: em jogo a significação**. 1993. 148 f. Dissertação (Mestrado em Comunicações e Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- LARA, M. L. G. de. É possível falar em signo e semiose documentária? **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, 2º n. especial, p. 18-29, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 14 nov. 2010.
- LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 2004.
- MAI, J. E. Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. **Journal of Documentation**, v. 57, n. 5, p. 591-622. 2001. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/jemai/Papers/2001\\_Semiotics.pdf](http://individual.utoronto.ca/jemai/Papers/2001_Semiotics.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2010.
- MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, 2º n. especial, p. 1-17. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/366/430>>. Acesso em: 14 nov. 2010.
- NÖTH, W. **Semiótica do século XX**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- O ENIGMA de Kaspar Hauser. Produção: Werner Herzog. Alemanha: ZDF Produções, 1974. Título original: Jeder für sich und gott gegen alle. 1 DVD.
- PEIRCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- RUBI, M. P. **Política de indexação para construção de catálogos coletivos em bibliotecas universitárias**. 2008. 169f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- RUBI, M. P. Os princípios da política de indexação na análise de assunto para a catalogação: especificidade, exaustividade, revocação e precisão na perspectiva dos catalogadores e usuários. In: FUJITA, M. S. L. (Org.) **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- SILVA, M. dos R. ; FUJITA, M. S. L. A prática de indexação: análise evolutiva de tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 133-161, maio/ago. 2004.
- SILVEIRA, L. F. da. **Curso de semiótica geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.
- TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. O campo da lingüística documentária. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 203-211, set./dez. 2006.